

HAKTUIR AIKNANOIK: A ARTE DA PALAVRA

Em todos os povos, desde os tempos mais antigos, contam-se histórias. De boca a ouvido, as histórias viajam levando lendas, mitos, contos de príncipes e princesas, de guerras e de heróis. Preservadas pela memória dos mais velhos, as narrativas assumem várias funções: entreter, ensinar, guardar os valores culturais de povos e comunidades, consolar. Contudo, nos dias de hoje, por vezes, parece não mais haver espaço para se contar e ouvir histórias. Há a televisão, o rádio, os telemóveis, a internet. Sobretudo nas grandes cidades, como Dili. Porém, o grupo Haktuir Aiknanoik tem mostrado que, onde há boas histórias, há ouvidos para escutá-las.

Pertencente ao Departamento de Língua Portuguesa da UNTL, o grupo nasceu, em meados de 2014, de oficinas de contação de histórias realizadas pela professora brasileira Márcia Cavalcante no Museu da Resistência. A partir do entusiasmo das alunas, contando ainda com o apoio das professoras Fernanda Sarmiento e Keu Apoema, criou-se o grupo, que começou a se reunir no mês de julho de 2014, inicialmente a cada quinze dias, passando pouco tempo depois a realizar encontros semanais. Coletivamente, decidiu-se o nome do grupo, os objetivos e que atividades norteariam o trabalho.

O nome escolhido foi Haktuir Aiknanoik. Haktuir é uma palavra em tétum que significa narrar. Já aiknanoik, conto em português, supõe-se que seja a junção de duas outras palavras: ai e knanoik. Ai é árvore e knanoik possivelmente deriva do verbo hanoin, que significa pensar, recordar. Artur Basílio de Sá, autor de uma das primeiras coletâneas de contos da tradição oral

timorense, diz que, entre as muitas andanças do povo timorense, sempre foi comum os encontros à noite, embaixo de árvores, por vezes sagradas, para a troca de histórias, anedotas e canções. Por isso, ele sugere que o termo Ai-knanoik refere-se a narrativas “que se escutam sob a benção maternal das árvores”. Assim, o nome escolhido anuncia o ofício e o objeto de estudos do grupo: contar histórias.

Como objetivo principal, o grupo apontou



o desejo de promover a arte de contar e ouvir histórias, dando ênfase nas narrativas da tradição oral timorense. Para isso, tem trabalhado com as seguintes ações: o estudo de autores que falam sobre o tema, timorenses e internacionais, e a prática de contar histórias, tanto em exercícios de corpo, voz e memória, como efetivamente circulando por diferentes espaços.

A professora Marcia, durante o período em que lecionou a disciplina de Literatura Brasileira na UNTL, iniciou um trabalho de coleta de contos do acervo oral timorense. Nesse momento, estavam entre seus alunos algumas das jovens que hoje

constituem o Haktuir Aiknanoik. Algumas dessas histórias integram o repertório que vem sendo partilhado com crianças e adultos, entre as quais Buluma, Lenda do Galo Branco, o Matandook (o feiticeiro), Maun alin nain tolu (os três irmãos), assim como alguns contos brasileiros.

Desde o início desse ano, o grupo tem recebido o apoio da Fundação Oriente para realizar estudos, ensaios e apresentações. Apenas no primeiro semestre de 2015, foram cinco apresentações: uma na recepção dos novos alunos do Departamento de Língua Portuguesa, outra na Escola Farol e uma terceira na Escola Arca Infantil, em Hera. As outras duas apresentações foram realizadas na Fundação Oriente, abertas ao público. A última apresentação aconteceu no dia 23 de maio, no final da tarde. Contos de Encantar a Noite ou Ai-knanoik Furak Kalan Nian, como foi nomeado o espetáculo, levou ao público narrativas contadas em português e em tétum, entremeadas de canções.

Sempre que se diz “iha tempu uluk liu ba” ou “em tempos que já lá vão”, percebe-se que contadoras de histórias e ouvintes transportam-se para um mundo de partilhas através da palavra pronunciada e da imaginação. Mesmo o mundo moderno e todas as suas tecnologias, todos os seus livros e volume de informações, precisa da poesia e do maravilhamento que as histórias permitem: o olho brilhando, o riso no final da história, a possibilidade que uma pessoa tem de enxergar a si mesma como herói ou heroína. O trabalho que vem sendo desenvolvido, a contação de histórias em português e em tétum, busca conectar não apenas o passado e o presente através das narrativas, mas também a relação entre as duas línguas oficiais de Timor-Leste.

Keu Apoema
Contadora de Histórias e Mestre em Educação
(PQLP/CAPES)
email: keu@apoema.art.br

Leitura e Sentidos: O encontro de Dois Mundos

Uma das atividades mais importantes para o aprendizado de uma língua, seja ela materna ou não, é a leitura. O hábito da leitura produz, no leitor, uma relação com o mundo exterior e com as suas memórias. É como se houvesse uma caixa dentro da nossa cabeça. Nessa caixa estão guardados arquivos, que são os conhecimentos que cada um de nós possui, nossas experiências pessoais, diferentes em cada pessoa. Histórias que vivemos, livros que lemos, filmes que assistimos, lugares que conhecemos, etc.

Ao ler, tudo isso é recuperado pelo leitor, que seleciona essas memórias para complementar a compreensão do que está lendo. Esse processo se dá, muitas vezes, de forma inconsciente, como se uma lembrança puxasse outra, entrelaçando-se. Assim, podemos entender que o ato de ler implica em considerar o que está por detrás do texto e não apenas em decifrar o significado de cada palavra. Nessa perspectiva, é necessário compreender o texto em suas condições de significar, ou seja, entender as relações de poder que as palavras estabelecem em seus infinitos significados.

Ainda é importante lembrar que a leitura não se resume à linguagem escrita. Há textos em todos os lugares. Também são textos, por exemplo, a música, a fala, a imagem, os gestos. Por isso há leitura em todos os momentos do nosso dia, no nosso

trabalho, no nosso lazer, nos momentos de estudo. Tudo é texto e tudo é interpretável.

Para Eni Orlandi, professora e autora brasileira que estuda análise de discurso de orientação francesa - teoria que trabalha com a linguagem, a história e a psicanálise-, a leitura é uma questão de historicidade, de relações possíveis entre o dito e a história, entre o dito e o ideológico. No entendimento de Orlandi, o que torna um texto legível para o leitor são as relações que esse sujeito tem com o texto, mais do que isso, são os enlaces de um sujeito-leitor com outro sujeito-leitor (um leitor imaginado pelo autor ou o próprio autor). Ou seja, é o “como” determinado texto irá significar.

Para melhor entender o que é a leitura e como ela pode significar, vamos imaginar que estamos lendo esse texto e o leitor (você) começa a fazer uma relação do que está lendo aqui com situações que já vivenciou (algo que leu sobre leitura, por exemplo) e não concorde com o que está escrito. Essa leitura mostra que você tem conhecimentos diferentes daqueles imaginados pelo autor (eu). Isso não significa que um de nós esteja errado, e sim que, em função das experiências e conhecimentos anteriores, nossas leituras são diferentes. Assim temos o mesmo texto e múltiplos sentidos para cada um de nós.

Nesse contexto, concebemos/entendemos a leitura como grande aliada para o ensino de línguas. O sujeito do discurso, no ato da leitura, se remete às memórias que o constituem: às lembranças, aos acontecimentos, sequenciais ou não, que são partes indissociáveis da compreensão textual.

Por isso, se pensarmos a leitura como mero exercício para a pronúncia ou decodificação de palavras, colocamos em dúvida a capacidade humana de compreender e se relacionar com o mundo. O ato da leitura e sua aplicabilidade para a produção de conhecimento precisam, necessariamente, fazer uma ponte entre o que está dito (explícito) no texto e o que não se percebe apenas em uma leitura superficial.

Para resolver esse problema é importante, quando lemos, nos perguntarmos quais relações que determinado discurso, contido no texto, estabelece com outros textos e o que há nele que não há em outros. Esse exercício faz com que busquemos as condições de produção do texto: onde ele foi produzido, qual o contexto de sua criação e como ele irá significar.

Quando lemos em uma língua não materna, há uma grande possibilidade de não compreendermos de imediato o que determinado texto quer dizer. É preciso fazer relações de significados das palavras e contextualizar com o nosso conhecimento anterior sobre determinado assunto. Assim é em Timor-Leste. Para ler em língua portuguesa, é preciso aproximar ao máximo as relações entre leitor e o discurso, ou seja, o que está escrito e a historicidade (fato/memória) timorense. Ao realizarmos essa aproximação, permitimos que o texto, além de contribuir para o contexto pedagógico, exerça sua função social.

Cleusa Todescatto
Professora de Língua Portuguesa (PQLP/CAPES)
email: ctodescatto@hotmail.com